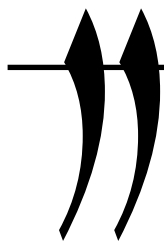




FALAMOS
COM...

Filipe Freitas e António Mano Azul,

presidente da Reunião de Inverno
da Academia Portuguesa de Medicina Oral (APMO)
e presidente desta sociedade, respetivamente



Estamos a preparar um evento
científico bastante ambicioso

Falamos com...

A próxima reunião de inverno da Academia Portuguesa de Medicina Oral (APMO) vai realizar-se nos dias 3 e 4 de fevereiro de 2017, em Lisboa. Este encontro anual, aberto a todos os profissionais e estudantes do setor da saúde, abordará essencialmente as áreas da medicina, da patologia e da cirurgia, sem no entanto deixar de suscitar o debate em torno de temas habitualmente votados ao esquecimento, como o doente medicamente comprometido ou as patologias do envelhecimento. Em entrevista à MAXILLARIS, Filipe Freitas, presidente da Comissão Organizadora, e António Mano Azul, presidente da APMO, antecipam o “elenco” do programa científico da reunião, que assume desta vez uma dimensão ibérica, tendo em vista a (já confirmada) presença de professores e alunos de duas universidades espanholas.

Quais são os principais “fundamentos” da reunião de inverno da Academia Portuguesa de Medicina Oral?

António Mano Azul. A reunião de inverno é para a APMO o seu congresso anual, estatutário e que integra também a Assembleia Geral Ordinária da sociedade. Nestes primeiros dois anos pós-refundação, tem sido o nosso principal fórum de contacto com os médicos dentistas, com outras especialidades médicas e com outros profissionais de saúde oral particularmente os higienistas orais. Importa referir que no ano passado iniciámos já as reuniões científicas regionais com um dia de formação contínua, em medicina oral, para jovens médicos, realizada na zona sul, no Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz, e que pensamos ter sido muito produtiva. Espero que muito rapidamente a APMO desenvolva outros projetos científicos e de divulgação para lá do congresso anual. A reunião de inverno continuará, no entanto, a ser o local por excelência para a discussão e troca de conhecimentos em medicina oral e em doentes medicamente comprometidos do nosso país. Este ano, o encontro é também ibérico com a participação em bloco das pós-graduações em Medicina e Cirurgia Orais da Universidade de Santiago de Compostela e de Barcelona.

Que temáticas vão dominar o programa científico?

Filipe Freitas. Este evento, aberto a todos os profissionais e estudantes de saúde, abordará, essencialmente, a medicina, a patologia e a cirurgia, três áreas bastante abrangentes.



A partir da esquerda, Filipe Freitas, presidente da Comissão Organizadora da próxima reunião de inverno da APMO, e António Mano Azul, presidente da sociedade científica.



Faremos uma atualização em relação à oncologia oral e iremos promover uma mesa redonda para discussão do Projeto de Intervenção Precoce de Cancro Oral (PIPICO). Destacamos ainda duas sessões: uma sobre as patologias associadas aos implantes dentários e outra que abordará as doenças mais prevalentes em medicina oral através de casos clínicos.

A APMO privilegia a abordagem a temas em relação aos quais continuam a existir lacunas de formação e conhecimento. Em que medida esta preocupação se refletirá no "cartaz" definido pelas comissões científica e organizadora?

Filipe Freitas. Essa é, de facto, uma preocupação nossa. Prova disso são as conferências relacionadas com o doente medicamente comprometido, o doente geriátrico e as patologias do envelhecimento, temas permanentemente esquecidos. Relembro que, fruto das alterações demográficas, a nossa população está envelhecida e que, portanto, vemos cada vez mais doentes idosos, polimedicados e com múltiplas patologias diagnosticadas.

Quais são os oradores nacionais e estrangeiros que já confirmaram a sua participação no encontro que vai decorrer em Lisboa?

Filipe Freitas. Temos o privilégio de poder contar com a presença de muitos colegas provenientes de várias faculdades ou hospitais, nacionais e estrangeiros da área da medicina oral, a maioria dos quais são membros da APMO.

Entre os colegas das outras áreas próximas, teremos os professores Ricardo Faria de Almeida, António Mata, Carlos Zagalo, Paulo Mascarenhas e Helena Rebelo. Uma referência especial para o professor Stephen Flint, da Universidade de Dublin (Irlanda), coautor do livro *Oral and Maxillofacial Diseases*, e que fará uma conferência sobre urgências no consultório dentário e para a doutora Carolina Venda Nova que é a responsável pela consulta de dor no Eastman Dental Hospital em Londres (Reino Unido).

Que pormenores está em condições de adiantar relativamente à vertente prática/formativa, destinada aos colegas generalistas?

Filipe Freitas. Para além do programa principal, teremos sessões paralelas e quatro cursos práticos: L-PRF em cirurgia e medicina oral, *fillers* em patologia perioral do envelhecimento, laser em Medicina Dentária e assistência em cirurgia e reabilitação protética com implantes. Teremos ainda em *pen drive* USB protocolos de atuação no consultório dentário, bem como os resumos das conferências e apresentações científicas (comunicações e pósteres), para todos os congressistas levarem para casa e partilharem com os colegas que não estiveram presentes na nossa reunião.

Que outras novidades merecem destaque ao abrigo do programa da reunião de inverno de 2017?

Filipe Freitas. Voltaremos a ter uma reunião com a duração de dois dias, com um programa altamente diversificado e inclusivo. Teremos ainda sessões de apresentação de pósteres e comunicações livres, de casos clínicos ou investigação científica. Procuraremos que este seja um espaço inspirador de intercâmbio de conhecimentos onde, da troca de experiências e saberes, se reforcem competências de todos quantos nos privilegiem com a sua presença.

A participação dos professores e alunos das pós-graduações de Santiago de Compostela e de Barcelona permitirá que os profissionais portugueses interessados nestas áreas partilhem projetos científicos e, quem sabe, intercâmbios de formação clínica.



Falamos com...



Filipe Freitas espera poder contar com a presença de cerca de 250 participantes na Escola Superior das Tecnologias da Saúde, em Lisboa.

Quais são as expectativas da organização quanto ao número de inscrições e à adesão de casas comerciais?

Filipe Freitas. Estamos a preparar um evento científico bastante ambicioso, pelo que esperamos poder contar com a presença de cerca de 250 participantes, das várias categorias profissionais relacionadas com a saúde. Atendendo aos baixos custos de inscrição, este evento só poderá ser viabilizado financeiramente com o apoio comercial proveniente de várias empresas. Para já, agradecemos a colaboração dos nossos cinco patrocinadores *premium*: Straumann, Bial, Pierre-Fabre, Meda e Isdin. Trabalharemos agora no sentido de poder contar com a presença de alguns expositores.

Que balanço faz da atividade da APMO desde que foi relançada no final de 2014?

António Mano Azul. O balanço real do impacto da APMO na área da formação em medicina oral deve ser feito pelos colegas a quem esta formação se destina.

Se fosse eu a fazer esse balanço, diria que foi “suficiente mais”. Nós queremos sempre mais e podemos fazer muito mais. Eu, pessoalmente, quero sempre um congresso de dois dias com um programa a abarrotar de interesse. Quero iniciativas diretas de formação úteis no dia a dia dos colegas no consultório, porque essa informação vai melhorar a saúde oral dos doentes.

Filipe Freitas:

Procuraremos que este seja um espaço inspirador de intercâmbio de conhecimentos onde, da troca de experiências e saberes, se reforcem competências de todos quantos nos privilegiem com a sua presença

Quero protocolos de atuação ou *guidelines* – como quiserem chamar – feitas a pensar em quem todos os dias vê doentes medicamente comprometidos com o receio de ter que lidar com uma urgência médica no consultório. Nesta direcção (alargada ao conjunto dos corpos sociais), juntamente com os colegas mais novos que têm colaborado connosco, queremos muito mais do que já foi feito. Daí o meu “médio” que sei que eles partilham. E queremos voltar a ter o Congresso Europeu de Medicina Oral em Portugal, como tivemos em 2002.

Hoje em dia, o tratamento multidisciplinar assume um papel preponderante no exercício da profissão. Que importância atribui a APMO a este fator?

António Mano Azul. Há dois níveis de tratamento multidisciplinar, ambos importantes. Em primeiro lugar, a reabilitação oral multidisciplinar praticamente desconhecida há 30 anos em Portugal e que agora se tornou uma realidade de muitos consultórios e que será potenciada com a criação das novas especialidades da Medicina Dentária como a cirurgia oral, a periodontologia, a odontopediatria, a endodontia, etcétera, onde praticamente só existia, de facto, a ortodontia. Só este tratamento multidisciplinar permite darmos aos nossos doentes o tratamento A que a Medicina Dentária portuguesa é capaz. Toda a população precisa do tratamento A? Não. A maioria da população precisa dos excelentes dentistas generalistas que as faculdades formaram nos últimos 30 anos e que conseguem, com uma qualidade ímpar na Europa, fazer um excelente trabalho, assim haja condições económicas da população para aceder a estes tratamentos ou assim o Estado participe estes tratamentos para a população mais desfavorecida.

Em segundo lugar – como já referiu o Filipe Freitas –, há depois uma faixa enorme da população que tem problemas médicos, que é idosa e que é polimedicada. Aqui temos outro nível de tratamento multidisciplinar que é indispensável e que obriga a um contacto saudável com as outras especialidades médicas. Este contacto é sempre positivo e a colocar o doente em primeiro plano? Penso que não. Cabe a ambas as partes conhecerem-se melhor. As outras especialidades médicas têm que perceber que ninguém conhece melhor as doenças orais, o seu tratamento e as suas consequências do que os médicos dentistas. A estes cabe ir lá às outras especialidades dizer isso mesmo. Quantas vezes é que nós vamos aos congressos das outras especialidades apresentar aquilo que fazemos? Com exceção da Ordem dos Médicos Dentistas, que participa sempre nas reuniões de medicina geral e familiar, muito poucas! Penso que neste sentido a APMO e a medicina oral em geral estão no local privilegiado de intersecção para promover este diálogo.

A APMO assume-se como a organização de saúde oral com mais potencial para fazer a ponte com as restantes especialidades da medicina. Na prática, como tem vindo a ser desempenhado esse papel? Já há resultados práticos?

António Mano Azul. Para além do que já foi referido na resposta anterior, existe na APMO a preocupação em trazer colegas das outras especialidades médicas sempre que é necessário para abordar os temas de intersecção. Já o fazemos desde 2014 nas áreas das doenças oncológicas, da cardiologia, da infecologia, da dor, da cirurgia plástica e da histologia. A nova geração de alunos das pós-graduações de Medicina e Cirurgia Oral virão a trazer massa crítica que permitirá à APMO ter membros efetivos para começar a aparecer nos

congressos das outras especialidades e a publicar nas revistas das outras sociedades científicas médicas, bem como concretizar outros projetos de colaboração que eu não quero ainda divulgar.

Que outras prioridades estão atualmente definidas pela direção da APMO?

António Mano Azul. Por um lado, promover mais ensino pós-graduado na área da medicina oral e dos doentes medicamente comprometidos. Colaborar ativamente e de forma desinteressada com as faculdades que estão a desenvolver ou que já têm programas universitários de pós-graduação nesta área e tentar sensibilizar as restantes para a importância destes programas, que para além disso, tenho a certeza, serão um êxito no número de interessados.

Por outro lado, consolidar a telemedicina como forma de “orientar” os colegas que geograficamente têm mais dificuldades em enviar os seus doentes com lesões orais para os centros universitários ou hospitalares com esta valência, na abordagem a estes doentes e estas doenças. Isto é crucial num país que tem uma cobertura quase total em Medicina Dentária, mas não em colegas dedicados à medicina oral. Outra prioridade é criar esta rede nacional de referência em medicina oral.

A medicina oral está bem e recomenda-se? Ou considera que é necessário promover um novo rumo neste campo?

António Mano Azul. A medicina oral como área individualizada recente da Medicina Dentária está muito bem e recomenda-se! Está melhor em Portugal do que na maioria dos países europeus onde a formação é muito mais deficiente; com a exceção do Reino Unido e da Irlanda, dos países nórdicos e da Holanda, onde a medicina oral é uma especialidade há muitos anos e onde os hospitais dentários têm uma enorme capacidade de receber os doentes que são referidos pela generalidade dos dentistas generalistas.

Perfil



FILIPE FREITAS é licenciado (desde 2007) e mestre (2008) em Medicina Dentária, pela Faculdade de Medicina Dentária da Universidade de Lisboa (FMDUL), tendo iniciado o doutoramento em Medicina Dentária, na mesma faculdade, em 2011, ano em que se estreou como assistente convidado do departamento de Cirurgia e Medicina Oral da FMDUL. Concluiu este ano a pós-graduação e especialização em Implantologia na referida universidade lisboeta.

O atual vice-presidente da Academia Portuguesa de Medicina Oral é também pós-graduado em Patologia Oral e Maxilofacial, pela Universidade Católica Portuguesa (2013/14), e em Periodontologia, pelo Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz (2014/15).

Exerce a sua prática clínica privada exclusiva no Instituto de Implantologia, com sede em Lisboa, dedicado à cirurgia, medicina e reabilitação orais.

Falamos com...



António Mano Azul considera que a medicina oral como área individualizada recente da Medicina Dentária está melhor em Portugal do que na maioria dos países europeus.

E também com exceção de Espanha e Itália, onde finalmente nos últimos 15 anos talvez, as faculdades começaram a produzir material científico de qualidade e em quantidade, embora infelizmente isso não se venha ainda a traduzir numa melhor cobertura da população porque o dentista espanhol quer ser sempre generalista. Mas esta conversa dava “pano para mangas”...

O que é necessário em Portugal é continuar este caminho que tem sido percorrido por umas dezenas de interessados nesta área e que tem produzido uma nova geração de médicos dentistas e de

António Mano Azul:
As outras especialidades médicas têm que perceber que ninguém conhece melhor as doenças orais, o seu tratamento e as suas consequências do que os médicos dentistas

higienistas orais capazes de olhar para lá dos dentes e diagnosticar lesões intraósseas ou da mucosa, e efetuar o seu tratamento ou orientar os doentes para esse efeito.

Eu costumo lembrar, nas conferências sobre este tema, que há tão perto como 15/20 anos os colegas mandavam-me os doentes com uma carta que dizia: “vê-me lá o que é que este doente tem...”. Agora, é raro não receber uma carta de envio que diz: “observa-se a lesão (ou as lesões) assim e assim, com estas queixas e para mim isto é compatível com o diagnóstico tal, pelo que agradeço a orientação terapêutica do doente...”. Começa a haver muitos colegas generalistas capazes de fazer diagnósticos corretos por todo o país.

Se a APMO for responsável por uma parte desta mudança de olhar para a medicina da cavidade oral, ficamos todos muito contentes. ■

Perfil



ANTÓNIO MANO AZUL é médico especialista em estomatologia e dedica-se exclusivamente à medicina e cirurgia orais. É professor associado do Instituto Europeu de Oncologia, onde leciona estas duas disciplinas. Tem, de resto, um vasto percurso ligado à docência em Portugal: desde a Faculdade de Medicina de Lisboa (microbiologia) ao Instituto Superior de Ciência das Saúde Egas Moniz (terapêutica especial e diretor do curso), passando pela Faculdade de Medicina Dentária da Universidade de Lisboa (cirurgia oral) e pelo ISAVE (patologia e oncologia orais). E no estrangeiro, como professor visitante de países como Espanha, Suécia, Estados Unidos ou Grã-Bretanha, entre outros, ou como professor associado da European Faculty of Oral Health Sciences e do Mestrado Europeu de Medicina e Cirurgia Oral em Toulouse (França).

É membro fundador e foi presidente da European Association of Oral Medicine. O presidente da Academia Portuguesa de Medicina Oral é também consultor da Ordem dos Médicos Dentistas e da Direção Geral de Saúde para o cancro oral (Projeto PIPCO - 2014 a 2017).